

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

LAYS MENESES FERREIRA

PRESERVANDO A MEMÓRIA EDIFICADA: A AÇÃO DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO NO ENSINO DE PROJETOS DE INTERVENÇÃO

ANÁPOLIS – GO
2019

LAYS MENESES FERREIRA

PRESERVANDO A MEMÓRIA EDIFICADA: A AÇÃO DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO NO ENSINO DE PROJETOS DE INTERVENÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob orientação da Prof.^a. Dr.^a. Juliana Hannum.

ANÁPOLIS – GO

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

LAYS MENESES FERREIRA

**PRESERVANDO A MEMÓRIA EDIFICADA: A AÇÃO DO PROFESSOR
UNIVERSITÁRIO NO ENSINO DE PROJETOS DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob orientação da Prof.^a. Dr.^a. Juliana Hannum.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a. JULIANA SANTOS DE S. HANNUM

ORIENTADORA

Esp. ARACELLY RODRIGUES LOURES RANGEL

CONVIDADA 01

Ma. ALLYNE CHAVEIRO FARINHA

CONVIDADA 02

PRESERVANDO A MEMÓRIA EDIFICADA: A AÇÃO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO ENSINO DE PROJETOS DE INTERVENÇÃO

Lays Meneses Ferreira ¹

Juliana Hannum ²

RESUMO: Atuar em edifícios preexistentes requer um trabalho cuidadoso devido a complexidade projetual e ao compromisso com a estrutura urbana, bem como com a história e a memória que esses edifícios trazem consigo. Esse trabalho demanda uma fundamentação teórica densa pautada no estudo de diversos projetos, o que permitirá a execução de ações de intervenção sobre o patrimônio edificado, pautada em processos de: preservação, intervenção, restauração, reutilização, conservação ou retrofit. Estas ações, visam garantir a sobrevivência das edificações para que futuras gerações tenham acesso a elas. Desta forma o objetivo da presente pesquisa buscou analisar o papel do docente universitário com relação ao ensino de projeto para discentes do curso de arquitetura, voltado para atuação em edifícios preexistentes. A pesquisa caracterizou-se por uma pesquisa bibliográfica descritiva, a partir de uma análise de artigos já produzidos e livros que tratam do tema. Os resultados obtidos demonstram que, é preciso haver mudanças no ensino prático e teórico de projetos, para que o discente possa ser instruído a compreender os métodos para se trabalhar em edificações preexistentes e que influenciará sobre o modo como os arquitetos irão tratar tais edifícios.

Palavras-chave: Arquitetura. Intervenção. Preexistência. Ensino de Projeto. Docente.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo. Email: lf.laysferreira@gmail.com

² Psicóloga, Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora do Curso de Psicologia na mesma instituição. Email: julianahannumpsi@gmail.com

PRESERVING THE BUILDED MEMORY: THE ACTION OF THE UNIVERSITY PROFESSOR IN THE TEACHING OF INTERVENTION PROJECTS

ABSTRACT: Acting on preexisting buildings requires careful work due to the design complexity and commitment to the urban structure, as well as the history and memory that these buildings bring with them. This work demands a dense theoretical foundation based on the study of several projects, which will allow the implementation of intervention actions on built heritage, based on preservation, intervention, restoration, reuse, conservation or retrofit processes, aimed at guaranteeing survival of buildings for future generations to have access to. In this way the objective of the present research sought to analyze the role of the university professor in relation to the teaching of project for students of the architecture course, focused on preexisting buildings. The research was characterized by a descriptive bibliographical research, based on an analysis of articles already produced and books that deal with the theme. The results show that there must be changes in the practical and theoretical teaching of projects so that the student can be instructed to understand the methods to work in preexisting buildings and that will influence how the architects will treat such buildings.

Keywords: Architecture. Intervention. Preexistence. Project Teaching. Teacher.

1 INTRODUÇÃO

“Preservar a memória edificada: a ação do professor universitário no ensino de projetos de intervenção” é o título escolhido que embasou esta pesquisa. A pesquisa parte da convicção de que há a necessidade de refletir e compreender sobre a atuação do professor de arquitetura mediante os déficits de ensino de projeto para atuar em edifícios preexistentes.

Ao citar edifícios preexistentes automaticamente voltamos aos bens patrimoniais, edifícios protegidos legalmente por órgãos responsáveis por sua salvaguarda e manutenção. Embora a importância desses edifícios para a história de um lugar seja real, a intervenção em edifícios compreende toda e qualquer

construção que esteja relacionada ao cotidiano das pessoas e da cidade, podendo ser em um projeto de reforma ou ampliação, adaptação para novo uso. Estes símbolos da memória individual e/ou coletiva configuram o acesso a história e protegê-la garante conhecimento para gerações futuras. A formação das cidades se dá a partir da existência de antigos e novos edifícios a partir da apropriação do espaço edificado.

A discussão que aqui será apresentada, sobre as práticas de intervenção nas cidades e seus edifícios, aborda que estas ações devem estar ancoradas em conhecimentos específicos do assunto, conhecimentos estes que devem estar presentes no ensino de projeto de arquitetura.

Ao optar pela carreira acadêmica o professor/arquiteto deve ter consciência de que é preciso formar seu senso crítico, procurar se aperfeiçoar e inovar as ações didático-pedagógicas, contribuindo para a formação do discente bem como a sua preparação para a realidade apresentada pelo mercado de trabalho e os desafios com a nova demanda.

Diante da compreensão do novo cenário apresentado pelas cidades, o presente estudo visa analisar o papel do docente no ensino de projeto para atuar em edifícios preexistentes. Para elaborar este artigo adotou-se como metodologia uma pesquisa bibliográfica descritiva, partindo da análise de artigos e livros sobre o assunto. Posteriormente a leitura desses textos, elaborou-se uma discussão desses dados confrontando com a literatura devidamente citadas.

Este artigo se divide em primeiro momento a partir da leitura do atual cenário das cidades e as relações dos edifícios com a memória e sua história, e a necessidade de preservá-la. Após essa compreensão faz-se uma leitura sobre o ensino de arquitetura e o papel do professor, o papel do ateliê de projeto enquanto espaço de experimentação. Por conseguinte, as metodologias que foram utilizadas, as etapas para seleção dos artigos de estudos, seguidos pela discussão dos dados e por fim as considerações finais.

Com os resultados obtidos conclui-se que os problemas relacionados ao ensino de projeto devem ser discutidos entre docentes e discentes, que as atribuições do arquiteto se abrem a um amplo campo de saberes, bem como a sensibilidade e o entendimento do espaço ao redor.

Portanto entende-se que o papel do professor é de extrema importância para formação desse discente, de modo que o leve a compreender os métodos e meios

no tratamento dessas edificações. Já que além de ter uma bagagem profissional, o professor deve ter comprometimento e dedicação, tempo e disposição para auxiliar os alunos nesse processo de formação. Por fim, espera-se que essas questões sobre o ensino de projetos de intervenção possam ser aprofundadas em trabalhos futuros.

2 ENSINO E O TRABALHO DO ARQUITETO: O CENÁRIO ATUAL DAS CIDADES EM RESPEITO À MEMÓRIA

O atual cenário delineado nos centros urbanos demonstra que estão tendo um crescimento desordenado. Esse crescimento intercala sempre as antigas às novas construções e espaços, com as memórias das cidades podendo ser vistas e revistas por meio de suas composições arquitetônicas (VAINER, 2000).

Com a crescente mudança no cenário das cidades, a relação entre o antigo e o novo tem se tornado cada vez mais frequente no dia a dia do arquiteto. É neste cenário que surgem ideias de valorizar o patrimônio, pois mesmo que não seja objeto de proteção legal, sempre carregará consigo uma história, uma memória. “A memória coletiva valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural.” (LE GOFF, 1990, p. 542), por isso a importância de protegê-la.

Segundo Moura (2014) a memória para o homem contribui para a conservação de sua própria história. É também através da preservação da memória que se (re)conhece o passado e a história de um povo. Além de contribuir para a conservação da memória de uma população, a arquitetura possibilita a expressão da arte, planejando e ordenando os espaços sem se esquecer de aplicar a criatividade à sua concepção.

A Arquitetura permite a dinamização da cidade que está inserida em uma cultura de constante transformação. Ao projetar e intervir em um lugar que não está vazio, deve-se compreender que a cidade é formada a partir de um ambiente, que de certo modo cerca o monumento com características próprias e singulares, tornando-se, portanto, objeto de preservação, para que não comprometa a harmonia e integridade do edifício (ANDRADE, 2010).

O arquiteto ao trabalhar com o preexistente encontra dificuldades, pois pode não ser preparado para interpretar a teoria, os métodos e legislação vigente. Surge

então o simplismo das intervenções, que por ignorar o contexto e a memória, acaba descaracterizando o local.

No que se refere ao ensino de projeto em Arquitetura, observa-se que tem sido objeto de discussões e interesse por parte de estudantes e professores que estudam e/ou atuam na área. Desde a implementação dos primeiros cursos de Arquitetura no Brasil, debates sobre a temática em questão tem ocorrido entre arquitetos e professores iniciando-se na Mackenzie College, em São Paulo, e depois na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2014).

Conforme Pirondi (2016), a crise do ensino de Arquitetura e suas estratégias para aprendizagem do ofício está inserida na crise mundial da educação, esta sim a maior crise da contemporaneidade. Em contrapartida, Arsenic; Longo; Borges (2011) cita que os problemas referentes ao ensino de projeto permanecem ao longo dos anos, e novos desafios com a era digital e as constantes transformações pela qual a sociedade tem passado, exigem do arquiteto adotar um novo perfil para se enquadrar no mercado.

O projeto em Arquitetura se apresenta como um desafio por não ter uma “receita” e por cada profissional ou estudante poder desenvolver sua própria metodologia. Deste modo, faz-se imprescindível buscar conhecimentos que permitam compreender o universo didático das disciplinas superiores que envolvam a prática profissional na área da Arquitetura (VIDIGAL, 2010).

O papel do professor no ensino de projeto é de suma importância, uma vez que deve dominar técnica e prática, procurando transmitir da melhor maneira possível seus conhecimentos para os alunos e levando-os a buscar de forma autônoma os caminhos e soluções para um determinado desafio (MASETTO, 2003).

No universo da Arquitetura há a formação de profissionais para a sala de aula e para atender a outras demandas do mercado de trabalho (ALCÂNTARA; LIMA; SALES, 2011). Nesse contexto o docente se destaca pela influência que virá a desempenhar durante o processo de formação do discente. Masetto afirma que:

[...] a docência no ensino superior exige não apenas domínio de conhecimentos a serem transmitidos por um professor como também um profissionalismo semelhante àquele exigido para o exercício de qualquer profissão. A docência nas universidades e faculdades isoladas precisa ser encarada de forma profissional, e não amadoristicamente. (MASSETTO, 1998, p. 13).

A profissão do docente exige comprometimento e compromisso para além dos saberes técnicos. O se tornar professor não se dá somente por estar em uma sala de aula e, “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2009, p.47).

A construção de conhecimento do arquiteto compreende o desenvolvimento de um olhar crítico e sensível a respeito de como tratar as edificações preexistentes, para que: sejam adequadas ao espaço a fim de receber novos usos, tenham suas instalações prediais revisadas e busquem o uso de novos materiais que garantam sua sobrevivência (FORTE; SANJAD, 2015).

Com base nas questões levantadas, esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel do docente universitário no ensino de projeto para que o aluno atue em edifícios preexistentes, buscando também: definir o que é preservação, intervenção, restauração, reutilização, conservação, retrofit; caracterizar o perfil do docente de arquitetura e urbanismo, o arquiteto/professor; instigar por meio de fóruns, debates, seminários, a discussão da temática entre os docentes e discentes de arquitetura; colaborar para o desenvolvimento de pesquisas futuras por meio deste artigo.

2.1 CONCEITOS E TERMINOLOGIAS LIGADOS AO PREEXISTENTE

O primeiro termo habitualmente utilizado no estudo do preexistente é preservação. A palavra preservar designa da ideia de livrar algo de algum dano, resguardar e defender (FERREIRA, 2004), portanto define-se preservação como uma série de ações com objetivo de “garantir a integridade de algo” (NAHAS, 2015), mantendo-o em boas condições conforme seu estado original.

O termo que complementa o sentido de preservação é a intervenção. No caso de um edifício, quando necessário realizar intervenções para o seu bom funcionamento, é preciso buscar manter a sua construção arquitetônica, ou seja, preservar seu estado original ao meio de mudanças para uma adaptação (RIOS, 2013). De certa forma, o intervir envolve o preservar histórico e afetivo incluindo ações de conservação e reutilização.

Já a palavra restauração, é um dos termos mais utilizados no campo do patrimônio e consiste em recuperar determinado bem, fazendo reparos necessários devolvendo-lhe as características originais, ou não (FERREIRA, 2004). O trabalho

da restauração deve manter o caráter, a forma e as funções originais de um edifício a ser reinserido na paisagem.

A conservação tem por objetivo manter o edifício em bom estado, garantindo sua integridade estrutural e estética para que ela permaneça mesmo diante das ações humanas e do tempo (FERREIRA, 2004). Desta forma, a conservação está diretamente ligada à preservação e seu propósito é garantir a integridade física da edificação, com uma contínua manutenção.

Se de um lado a ideia de conservar é de certa forma garantir a sobrevivência de uma edificação, por outro lado, a edificação deve conferir novos usos de acordo com a realidade. Surge então a ideia da reutilização, que parte do princípio de reciclagem, que propõe uma adaptação para novo uso (FERREIRA, 2004). Esse novo uso pode ser referente a uma nova estrutura organizacional, a uma adequação dos espaços, ou até mesmo a criação de anexos ao edifício. O importante é que o edifício continue desempenhando uma função, pois é a melhor maneira de preservá-lo.

O termo mais atual e que também se insere no contexto da preservação, da conservação e da reutilização, é o retrofit. Segundo Souza (2011), o retrofit é um processo de modernização e de atualização das edificações, “preservando o patrimônio histórico e ao mesmo tempo permitindo a utilização adequada do imóvel, com conforto e funcionalidade.” (SOUZA, 2011, p.26).

Portanto o termo retrofit refere-se a recuperar a integridade física do edifício, realizar a sua manutenção e reinseri-lo de volta a estrutura da cidade, preservando assim seu valor arquitetônico e paisagístico (VALE, 2006). Para Vale (2006), ele descreve que,

O retrofit arquitetônico vem a ser a busca pela sincronicidade do edifício com o tempo presente, de modo a equipá-lo com novos materiais e tecnologias, evitando que se torne obsoleto e permitindo que acompanhe o desenvolvimento tecnológico dos grandes centros urbanos. (VALE, 2006, p.160).

Portanto, o retrofit também vem a ser uma metodologia de adequação às necessidades dos usuários e do seu tempo, conferindo-lhe permanência e sobrevivência em meio ao tecido urbano consolidado.

3 METODOLOGIA

A presente revisão de literatura se deu a partir da questão que norteia a pesquisa: qual o papel do docente no ensino de projeto para que os discentes possam atuar em edifícios preexistentes?

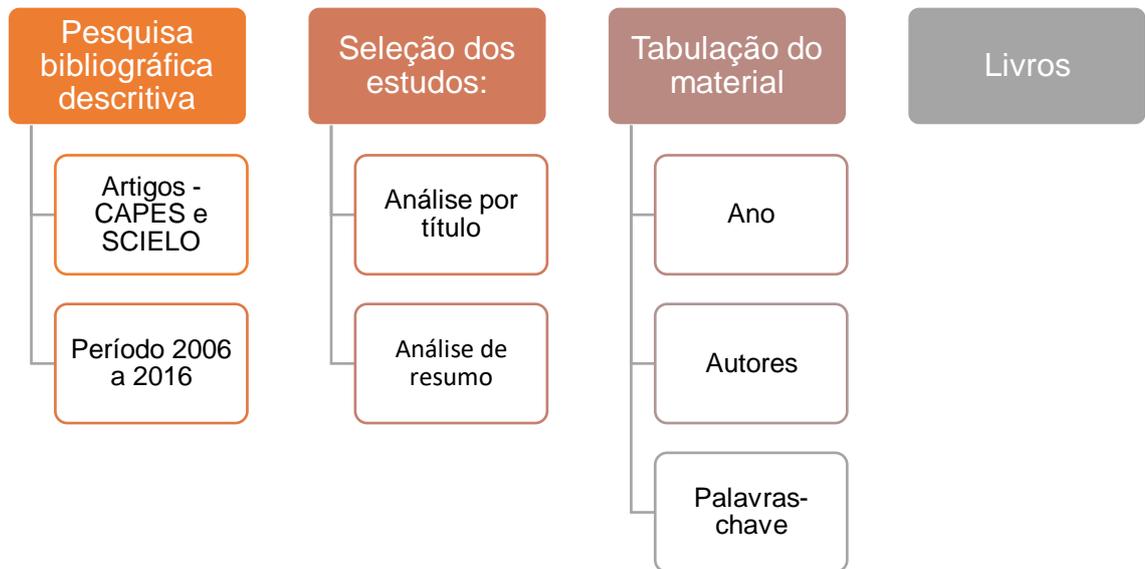
Inicialmente, a partir de palavras chaves relacionadas à Arquitetura, realizou-se pesquisa bibliográfica descritiva, inicialmente a partir de fontes primárias fazendo busca eletrônica de artigos indexados em plataforma de dados do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e Scielo (*Scientific Eletronic Library Online*). As consultas foram de produções referentes ao período de 2006 a 2016. Foram selecionados (12) artigos, (1) monografia, (2) dissertações de mestrado, (2) teses de doutorado.

Partindo da compreensão e necessidade de demonstrar o papel do professor no ensino de projetos de intervenção, os critérios de inclusão de artigos e outras publicações para o estudo, foram: a compreensão da formação do professor e profissional arquiteto e urbanista no cenário atual; o papel do professor/arquiteto no ensino de projeto; o papel do arquiteto diante das práticas e critérios de intervenção em edificações preexistentes, no que diz respeito ao seu estilo, características estéticas, premissas precedentes, legislação, história e memória.

A seleção dos estudos se deu a partir da análise por título precedida da análise do resumo. Para tornar o processo organizado e compreensível realizou-se uma tabulação do material incorporado (apêndice A), com análise das linhas mestras dos resultados de cada produção e com a identificação de 3 (três) dimensões de análise, a saber: ano, autores, palavras-chave.

Em segundo momento, realizou-se a pesquisa a partir de fontes secundárias, selecionando alguns livros teóricos da área, entre eles, na área de arquitetura e urbanismo, história e memória, ensino e docência.

Esquema 1 – Processo metodológico



Fonte: Pesquisadora, 2019.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 INTERVENÇÕES EM EDIFÍCIOS EXISTENTES: PORQUE PRESERVAR?

No Brasil a preservação de construções começa a ser realizada após a Revolução de 1930, um período de busca de afirmação por uma identidade nacional (CAVALCANTI, 2006). Segundo Santos (2012, p. 2), “a preservação inclui, além da reflexão crítica, um conjunto de ações de identificação, conservação, restauração, gestão e proteção legal”.

O ato de intervir sobre uma construção envolve diferentes tipos de estratégias e atuações por parte do arquiteto, para que tome as melhores decisões quanto a preservação da construção, tendo em vista que “[...] a preservação nunca é pensada de uma maneira ativa e dinâmica, isto é, em uma perspectiva de continuidade urbana, a não ser no caso de alguns edifícios isolados, convertidos e transformados para novos usos.” (CALABI, 2012, p.80).

Os projetos de intervenção em um edifício arquitetônico de valor cultural são inteiramente complexos, devido ao fato de os edifícios serem dotados de significados e lembranças atribuídas pelos cidadãos a partir da imagem que cada

um tem da cidade (LYNCH, 2011). Desta forma, a arquitetura e os lugares são capazes de trazer lembranças dentro da cidade, o que faz com que cada indivíduo situe-se no tempo e no espaço através das paisagens dotadas de memória e significados. Conforme nos descreve Le Goff (1990), sobre a memória, ela é vista como:

Propriedade de conservar certas informações, remetendo-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423).

A memória é o que nos torna capazes de formar imagens e de ampliar a imaginação. A compreensão desse significado está presente na arquitetura dos edifícios em suas diferentes passagens no tempo, onde “as edificações do passado se perpetuam no presente, carregadas ou não de valores simbólicos, testemunhos de memória, qualidades artísticas e valores históricos.” (NAHAS, 2015, p. 8).

Ao tratar de edifícios com valor afetivo, toda e qualquer intervenção pode comprometer a estrutura do tecido urbano, sua história e memórias. Portanto, a intervenção deve partir de uma compreensão da obra e do ambiente, onde precisam ser pontuados os métodos e ações mais adequados.

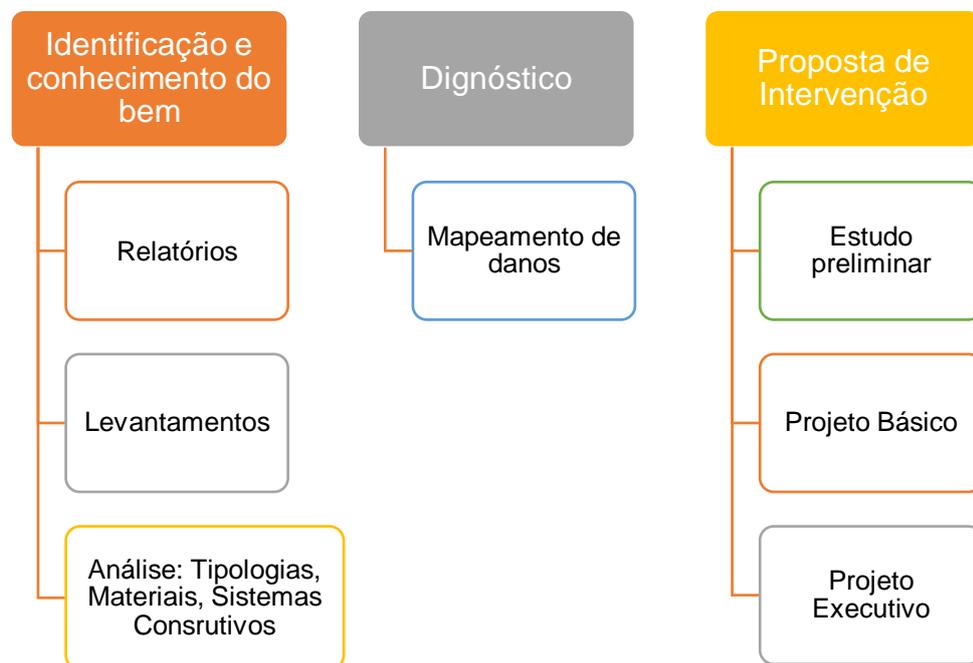
Toda e qualquer forma de intervenção, seja ela para a preservação, conservação ou restauração, implica no respeito à história, ao estado em que se encontra a construção ou o lugar e a maneira que essa construção ou lugar precisam ficar para continuar existindo. Cada parte da cidade, seja uma rua ou bairro tem o *genius loci*, que é o conceito romano que significa espírito guardião, que dá vida, caráter e essência às pessoas e lugares (NESBITT, 2008).

A presença da história, a carga simbólica, as lembranças pessoais ou os fenômenos de moda fazem com que tal rua, tal praça ou tal lado de uma avenida tomem uma importância particular e que a cidade sem eles pareça diminuída. (CALABI, 2012, p. 82).

A intervenção no tecido urbano também pode ser entendida como um agente modificador que altera a paisagem e a estrutura visual das cidades, onde novas construções sobre a preexistência são o mesmo que definir uma forma onde já se tem uma forma.

No que se refere às intervenções em edifícios, mesmo que não se encontrem inseridos em um conjunto histórico, faz-se necessária uma compreensão de como se dará essas intervenções em meio a construções dos mais variados estilos. As ações que precedem a intervenção seguem princípios fundamentais para reconhecimento do estado em que o bem se encontra, e quais os caminhos que deverão ser seguidos a respeito da intervenção.

Esquema 2 - Etapas do projeto de intervenção



Fonte: Pesquisadora, 2019.

Os projetos ligados à reutilização de edifícios históricos vêm ganhando destaque dentro da sociedade, o que demonstra uma maior preocupação em preservar a identidade e a memória. Do ponto de vista construtivo, o reaproveitamento de edifícios torna-os funcionais e confortáveis e, ao mesmo tempo, pode contribuir para a redução de resíduos sólidos garantindo a preservação do patrimônio da cidade (SOUZA, 2011).

Enfim, todos os processos de manutenção e/ou modernização do preexistente, seja por meio da restauração, conservação, reutilização e do retrofit, proporcionam o aumento de vida útil para o edifício, uma vez que o desgaste natural nessas edificações sempre irá acontecer.

4.2 O ATELIÊ DE PROJETO COMO ESPAÇO DE EXPERIMENTAÇÃO

No desenvolvimento do trabalho do arquiteto, o ensino de projeto é diferenciado dos demais tipos de ensino prático, envolvendo o ato de pensar a construção de edifícios e seus espaços (VIDIGAL, 2010).

Dentre as disciplinas da grade curricular do Curso de Arquitetura, a de projetos é considerada uma das mais importantes, “pois é nela que se realiza a síntese de todos os conhecimentos necessários ao projeto de edificações, espaços abertos e de urbanismo” (MAHFUZ, 2009).

O ateliê de projeto possui características distintas e o seu objetivo principal é ensinar o aluno a como “fazer” arquitetura. Entende-se que os ateliês são locais de orientação individual ou coletiva e que se organizam em torno de projetos e exercícios ligados à prática real (VIDIGAL, 2010).

Na disciplina de projetos ministrada no ateliê de projetos, “o aluno será capaz de apreender, perceber, realizar leituras e representações do espaço a partir das categorias de organização, relações, propriedades e dimensões na escala do lote e do espaço urbano” (SALCEDO; GOMES; MASSERAN; AMARAL, 2015, p.5). Para que o aluno adquira tantas competências, são propostos temas para elaboração de um projeto. Os temas estão imersos em diferentes situações e problemas onde alunos e professores precisam discutir sobre como solucioná-los, o que faz com que todos os envolvidos treinem as suas habilidades de resolver as necessidades de um projeto.

Embora no ateliê seja desenvolvida uma série de experiências projetuais, este espaço não deve ser comparado ao escritório profissional, mas sim, proporcionar conhecimento e auxiliar no desenvolvimento da capacidade de criar do aluno logo no início do curso (MAHFUZ, 2009).

O estímulo ao processo criativo do acadêmico é em parte de responsabilidade do professor, que por transmitir o seu conhecimento e experiência contribui para a formação de um arquiteto diferenciado e com grande capacidade criativa (SALCEDO; GOMES; MASSERAN; AMARAL, 2015). Lembrando que essa capacidade sempre estará aliada ao embasamento teórico e ao espírito crítico que o discente adquire durante seu processo de aprendizagem na graduação, o que implica nas instruções que ele recebe do professor para seguir em frente ou rever sua ideia e criar soluções para o projeto que está elaborando (VIDIGAL, 2010).

Tudo isso é importante porque “a ausência de critérios para projetar e avaliar a arquitetura que se produz” (MAHFUZ, 2013) existe com frequência no mercado de trabalho, e o aluno precisa saber que a tomada de decisão do arquiteto influenciará no resultado da obra final e nos problemas que podem ser encontrados no processo.

Quando se trata do ensino de projetos para atuarem na preexistência, nota-se que ainda tem sido pouco discutido nos ateliês. Ao que tudo indica isso está acontecendo devido a uma crise no ensino e na prática de arquitetura, onde o docente muitas vezes se mostra omissos a essa problemática e foca apenas em ensinar e cobrar sobre a forma e a beleza do edifício. Esses pré-requisitos são importantes, claro, mas é preciso que o discente compreenda que nem sempre ele irá iniciar um projeto do zero e que precisa de preparação para tal fim, incluindo o estudo da história das edificações.

A história entra no ateliê como veículo da construção de repertório. Seu foco aqui é restrito e diretamente relacionado aos temas projetuais em questão: analisa-se projetos exemplares em busca de informação sobre estruturas formais, relações com o entorno, técnicas construtivas, etc. Ao mesmo tempo, muitas vezes é imperativo explicitar as características e relevância da arquitetura do entorno em que se atua (MAHFUZ, 2009, p.1).

De certa forma a história é importante para fomentar a construção de um repertório arquitetônico que contenha a síntese de lugares e construções. Portanto sugere-se que “a arquitetura nasce da própria arquitetura, não de conceitos externos a ela ou dos seus instrumentos técnicos” (MAHFUZ, 2013).

Nas disciplinas teóricas o discente reconhece a história como meio que fornece conhecimento e compreensão da narrativa das transformações sociais que acontecem na cidade. A cidade é um apanhado de memória e a memória é parte constituinte da identidade dos indivíduos, sendo que através dela cada um pode (re) vivenciar experiências e dialogar com a sociedade à qual pertence (FARAH, 2008).

Ao interiorizar a relevância das memórias que a arquitetura transmite e a assumir uma opinião crítica a partir de edifícios existentes, o estudante passa a ter consciência dos fatores externos que podem vir a interferir no projeto, já que todo edifício nasce a partir da sintetização de características de uma arquitetura histórica.

O valor espacial da arquitetura existente tem a ver com sua referência ao passado e com a capacidade de contribuir para novas criações, as quais tem que mostrar inovações, mas ao mesmo tempo tem que preservar a continuidade na paisagem. E é então que entra o ensino de projetos em ateliê, para que o aluno

compreenda o valor da história das edificações e venha a intervir nas mesmas da melhor maneira possível.

Cada edifício tem uma maneira própria de se comunicar e caracterizar-se por valores plurais que o definem, como valores econômicos, sociais, técnicos, funcionais, artísticos, espaciais e decorativos (SALCEDO; GOMES; MASSERAN; AMARAL, 2015). Deste modo, ao entrar em uma edificação histórica, o arquiteto precisa ter conhecimento dos valores atribuídos a ela, relembrar as aulas que teve no ateliê e criar um projeto de restauração ou reforma que mantenha a identidade da edificação, que não descaracterize o local em que a edificação está inserida e que o conjunto “edifício espaço” transmita conforto e segurança (SALCEDO; GOMES; MASSERAN; AMARAL, 2015), pois assim os indivíduos percorrerão as ruas e poderão admirar a plenitude das adaptações feitas (JACOBS, 2011).

No projeto de edifícios existentes também é preciso considerar que o antigo e novo estejam em harmonia entre si, que ambos possam coexistir no mesmo espaço e que de acordo com a atuação do arquiteto, o edifício sobreviva e vá se transformando e obtendo novas funções com o tempo, pois segundo Jacobs (2011, p.134) “é muito relativa à idade das construções quanto à utilidade e a conveniência”.

4.3 O ENSINO DE ARQUITETURA, SUAS DIFICULDADES E O PAPEL DO PROFESSOR NESTE CONTEXTO

O ensino de arquitetura, voltado para a temática do patrimônio construído, têm estendido discussões ao longo dos anos. Farah (2008) cita a elaboração de um Manifesto sobre o Ensino de Arquitetura no século XXI e afirma que os futuros arquitetos devem estar preparados para os desafios deste século. Dos desafios a serem enfrentados, destaca-se a necessidade de:

- 1) Preservar e restaurar [*regenerate*] os recursos naturais e culturais existentes; Identificar os conhecimentos e as habilidades [*skills*] que constituem o diversificado patrimônio da humanidade; 2) Construir cidades, vilas, povoados e áreas rurais [*countryside*] duradouros e sustentáveis, contribuindo para a continuidade e coerência dos lugares; 3) Promover [*facilitate*] o engajamento cívico, a diversidade social e a vitalidade econômica, associados à preservação dos ecossistemas e da identidade local; 4) Pesquisar e aprender com as experiências bem sucedidas do passado, os fracassos, e suas consequências imprevistas. (FARAH, 2008, p. 2).

Em detrimento de tantas demandas para a formação do arquiteto no Brasil, a grade curricular do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo de 1994 passou por alterações pela Resolução CNE/CES nº 06 de 02 de fevereiro de 2006 (FARAH, 2008). Esta grade curricular estabelece a estruturação das matérias quanto a fundamentação, profissionalização e trabalho de conclusão. Contudo, as matérias de profissionalização que se referem ao patrimônio, como por exemplo a de Técnicas Retrospectivas, não é obrigatória, o que dificulta a atuação do arquiteto na prática quando inserido nesse campo disciplinar (FARAH, 2008).

Atualmente nos ateliês, as práticas recorrentes nos fins de cada período letivo partem da criação de um projeto sobre “tábula rasa”, em geral com a proposta de um terreno, um contexto urbano ou um programa, contemplando quais os tipos de atividades deverão ser desenvolvidas na proposta (VIDIGAL, 2010). Mas, apesar de apresentar grande relevância, para Gattermann (2012) os trabalhos de atelier sobre construções tradicionais ainda são pouco desenvolvidos pelos alunos,

Atualmente, o aluno de arquitetura passa grande parte do seu currículo, no que se refere a disciplinas de tecnologia, aprendendo sobre materiais de ponta e inovadores, restando muito pouco do conhecimento sobre materiais e técnicas de construção tradicionais. (GATTERMANN, 2012, p.2).

Outro ponto importante a ser ressaltado é a escassez de arquitetos preparados para atuar na área do patrimônio, com enfoque em construir no construído, atuar e intervir ativamente na cidade. Farah diz que:

Mediante a análise de intervenções recente no patrimônio construído, verifica-se que a falta do ensino, na graduação de arquitetura e urbanismo, da disciplina de restauro arquitetônico resulta em profissionais não habilitados a trabalhar num tecido urbano preexistente [...]. (FARAH, 2008, p.34).

O ensino tanto em arquitetura, como em outros cursos, deve ser abrangente para deixar ao discente a escolha de utilizar o conhecimento adquirido para aplicá-lo na profissão e aperfeiçoá-lo por meio de uma especialização.

O déficit do estudante de arquitetura no aprendizado de projetos na área do preexistente, afeta a memória coletiva e seu acesso para gerações futuras. Isso acontece, pois no Brasil, ainda há a dificuldade em compreender a importância desse campo disciplinar na formação do arquiteto e urbanista, para que de fato ele venha a operar no preexistente (FARAH, 2013). Por isso a importância de que os

profissionais tenham a plena consciência das responsabilidades que lhes são atribuídas para que “assegurarem o direito ao conhecimento e à memória.” (KÜHL, 2009, p.10).

“A memória é constituída de impressão, de experiência e sua importância e significado especial estão no fato de que ela é o que nós retemos e o que nos dá a nossa dimensão de sentido no mundo.” (ORTEGOSA 2009, p. 1). Existem espaços na cidade, que possuem uma representatividade e simbolismo que despertam a memória e a afetividade dos seus habitantes e, que expressam a clareza entre as relações do todo.

O intervir no existente com uma alta carga de memória é saber absorver e interpretar seus valores culturais, a fim de se evitar a destruição de significativos para uma comunidade em geral. Esses significativos, com diferentes passagens de tempo, são o que enobrece as cidades, sendo preciso que se faça uma leitura dos elementos preexistentes e das novas construções que as constitui, para que exista harmonia desses elementos na paisagem dos centros urbanos (FORTE; SANJAD, 2015).

Jacobs (2011) cita que as cidades precisam tanto de prédios antigos quanto novos, para haver uma oferta de imóveis adequada a todo tipo de usuários, desde empresas altamente lucrativas a fomentadores informais da arte. Por conseguinte, “com o passar do tempo, há uma mistura constante de edifícios de várias idades e de vários tipos. Trata-se, é claro, de um processo dinâmico, em que o que era novo acaba se tornado velho em meio à variedade.” (JACOBS, 2011, p.132). O tempo aqui é a palavra-chave, que demonstra o reflexo da transformação do espaço e das edificações, pois o que pode ser adequado a esta geração para a outra se torna um espaço supérfluo (JACOBS, 2011).

Atualmente, os projetos urbanos têm se voltado para as áreas intersticiais, vazias ou degradadas, no sentido de promover a intervenção nessas áreas para um maior adensamento urbano, restaurando-as, seja do ponto de vista do uso, ou de atributos ambientais (ARANTES, 2000).

Nessa perspectiva o docente do ensino superior, desempenha o trabalho de formar profissionais aptos a produzir projetos para diferentes situações da cidade. Para isso o professor precisa estar devidamente preparado, como destaca Masseto (1998):

[...] a docência no ensino superior exige não apenas domínio de conhecimentos a serem transmitidos por um professor como também um profissionalismo semelhante àquele exigido para o exercício de qualquer profissão. A docência nas universidades e faculdades isoladas precisa ser encarada de forma profissional, e não amadoristicamente. (MASSETO, 1998, p.13).

Diante desta realidade, o professor deve se posicionar, criar uma identidade e superar as barreiras da escassez de formação na área da licenciatura, pois durante o curso de Arquitetura, “esses sujeitos não tiveram contato com disciplinas próprias das licenciaturas, tais como Didática, Fundamentos da Educação, Estágio e Docência, Teorias da Educação, etc.” (ALCÂNTARA; LIMA; SALES, 2016, p.3). Já Fontana diz que,

Tornamo-nos professores e professoras tanto pela apropriação e produções de concepções já estabelecidas no social e inscritas no saber dominante da escola (permanência), quanto pela elaboração de formas de entendimento da atividade docentes nascidas de nossa vivência pessoal com o ensino, nas interações com nossos alunos, e do processo de organização política, com nossos pares, em movimentos reivindicatórios (mudança). (FONTANA, 2010, p. 46).

O professor é um modelo a ser seguido, é um transmissor de ideias e um agente instigador da pesquisa e do desenvolvimento intelectual o que implica em uma experiência para ensinar e que demanda recursos múltiplos de saberes, incluindo a Filosofia e a Didática (RIOS, 2010).

O sentido do verbo ensinar na Arquitetura é diferente do sentido de ensinar nas outras áreas de conhecimento (MAHFUZ, 2004). Ao ensinar a realizar um projeto, o professor instiga a repetição e o acúmulo de conhecimento (MAHFUZ, 2004). Um conhecimento que se constrói em conjunto e se dá a partir análises de outros projetos, com discussões, reflexões e críticas aos mesmos.

Mais do que ensinar os estudantes a projetar de uma determinada maneira, o objetivo de uma escola de arquitetura deve ser a preparação do espírito crítico do estudante, a qual só pode ser alcançada de um modo: transferindo a experiência alheia para a própria, por meio do exame e do estudo de obras nas quais se reconheça como dados do projeto foram entendidos e valorizados pelos arquitetos, a que intenções suas decisões se vinculam, em um momento histórico específico. (MAHFUZ, 2005, p.1).

Nas disciplinas de projeto são interligados diferentes conteúdos aos fatos atuais. O papel do professor/arquiteto no ensino de projeto é extremamente importante, pois ao ter o domínio da técnica e da prática, faz com que os alunos desenvolvam

uma forma própria para o descobrimento de caminhos e soluções (MASETTO, 2003). Para isso deve existir o bom relacionamento entre professor e aluno, capaz de fazer com que o futuro arquiteto apresente soluções no projeto que de fato possam transformar tanto o cenário arquitetônico externo quanto o interno.

Ao elaborar um projeto, o arquiteto pode expressar sua ideia através de esboços e desenhos, de maneira a responder às condicionantes preestabelecidas, como peculiaridades do lugar e recursos tecnológicos disponíveis (VIDIGAL, 2010). Também é importante que a proposta projetual responda a um programa estabelecido pelo cliente, a fim de adequar da melhor forma os sistemas construtivos que deverão ser empregados, gerando assim um produto concreto, voltamos a ideia do quaterno contemporâneo simplificado “que expressa a importância individual dos elementos constitutivos do projeto: o programa, a construção, o lugar e as estruturas formais” (CHEREGATI, 2014, p. 3).

Figura 1 – Organograma do Quaterno Contemporâneo



Fonte: Mahfuz, 2004.

O arquiteto trabalha com base em um conceito, uma ideia central que possibilita compreender e interpretar dados (lugar, programa e materialidade) para fundamentar todo o processo de trabalho, (MACIEL, 2003). Desta forma o arquiteto pode sintetizar seu trabalho e, a partir daí promover soluções quanto à forma, função e construção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de projetos arquitetônicos tem sido alvo de discussões e tem merecido cada vez mais a atenção dos docentes. Nos ateliês de projeto de arquitetura, o docente deve estar atento ao modo como irá ensinar sobre o projeto de arquitetura. Sabendo disso, o presente artigo trabalhou o papel do professor/arquiteto quanto ao ensino de projetos de edifícios preexistentes através das práticas cotidianas nos ateliês e chegou à conclusão de que é frequente a preocupação dos docentes no que se refere ao modo como os futuros profissionais arquitetos irão tratar as edificações.

A discussão aqui apresentada pode e deve ser encarada como um *“start”* para que mudanças aconteçam no ensino teórico e prático de projetos, visando a melhor aprendizagem do aluno e uma preparação bem embasada para que esse futuro profissional atue no campo das edificações preexistentes.

Para tanto, o aluno precisa compreender que as atribuições do arquiteto abrangem o entendimento, a aplicação de termos e a percepção do cenário construído dentro de um contexto histórico e afetivo. Em outras palavras, toda a edificação é um bem carregado de memórias, afeto e sentimento de pertença da comunidade e, por isso, exige do arquiteto conhecimento e habilidades para trabalhar com esse bem.

A formação do arquiteto no Brasil está muito voltada para o atendimento a questões estéticas e econômicas, o que pode vir a desrespeitar a história e as memórias coletivas das edificações. Desta forma, a atuação em projetos de edificações preexistentes no curso de Arquitetura e Urbanismo é um tema que requer ser mais trabalhado pelos docentes.

Com as pesquisas realizadas para a elaboração deste trabalho, entendeu-se que existem problemas relacionados ao ensino de projetos para ambientes construídos, o que posteriormente pode vir a prejudicar os estudantes quanto a sua preparação teórica e crítica. Além disso, os professores têm focado mais na forma e na materialidade do edifício, deixando de lado a função e, por sua vez, a possibilidade de o projeto finalizado no ateliê poder ser colocado em prática.

É necessário que o discente seja instruído a compreender os métodos no tratamento dos edifícios para que busque manter a sua funcionalidade. Também é

importante que antes de iniciar o projeto se faça a coleta de dados do edifício através de visitas, levantamentos e registros fotográficos.

Tudo isso pode ser computado e analisado no ateliê, que se diferencia de uma sala teórica por permitir a experimentação, o convívio mais direto com a prática, o diálogo mais frequente entre docentes e discentes e o êxito no processo de aprendizagem. No entanto, a formação de qualidade para o aluno carece ainda de um curso que correlacione mais as disciplinas referentes a cada período com a história, o urbanismo, a tecnologia, o projeto e a maquete.

Ao vivenciar a elaboração dos projetos nas disciplinas, o aluno de arquitetura tem acesso a um conhecimento mais abrangente e voltado para a criação e concepção projetual. A médio e longo prazo esse conhecimento adquirido auxiliará o aluno no exercício da profissão, ajudando-o a solucionar os problemas do dia a dia em conjunto com os métodos e práticas aprendidos no curso.

No que concerne o perfil do docente de arquitetura, cabe frisar que necessariamente deve envolver: comprometimento e dedicação para ensinar e suprir dúvidas e, tempo e disposição para compartilhar a bagagem profissional durante as aulas nos ateliês. No caso específico do docente que ministra a disciplina de fundamentos teóricos sobre a intervenção em bens patrimoniais, ele pode e deve incentivar na prática o desenvolvimento de projetos em contextos preexistentes, recapitulando além das leis, as cartas sobre a atuação em patrimônio e a importância de preservar a construção já existente.

Para o futuro docente em arquitetura e urbanismo, a construção de um perfil pautado no ensino de qualidade deve se basear nas atividades desenvolvidas nos ateliês e na vivência da realidade no mercado de trabalho que passa por deficiências que precisam ser mais bem observadas e discutidas em sala de aula. Talvez por esse motivo se deva colocar em questão o aumento das horas nos ateliês, visando a mitigação das deficiências do mercado de trabalho por meio do desenvolvimento de exercícios práticos voltados para os projetos arquitetônicos.

Com o aumento das horas práticas para o exercício do projeto, o discente aperfeiçoa-se e capacita-se para apresentar soluções rápidas. Então, os projetos a serem trabalhados no ateliê devem proporcionar aos estudantes o contato com os problemas adversos existentes na cidade, quer seja em um lote isolado ou quer seja em uma área consolidada.

6 REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, C. S.; LIMA, M. S. L.; SALES, J. A. M. O arquiteto-professor: a opção pela docência dos arquitetos urbanistas do estado Ceará. **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 1, p. 95-106, jan./abr., 2016.
- ANDRADE, I. E.J. O debate sobre as áreas envoltórias de bens patrimoniais. **Cadernos PROARQ**, Rio de Janeiro, v. semestral, n.15, p. 7-18., dez., 2010.
- ARANTES, Otília et al. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos/** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 192 p.
- ARSENIC, N.; LONGO, O. C.; BORGES, M. M. O ensino e aprendizagem da disciplina projeto no curso de Arquitetura e Urbanismo. **CES Revista**, v.25, n.1, p.49-63, mar., 2011.
- CALABI, D. **História do urbanismo europeu: questões, instrumentos, casos exemplares.** São Paulo: Perspectiva, 2012. 422 p.
- CAVALCANTI, L. **Moderno e Brasileiro: A história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-60).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 11-23.
- FARAH, A. Restauro Arquitetônico: a formação do arquiteto no Brasil para preservação do patrimônio edificado. **História**, vol.27, núm. 2, p. 31-47, out., 2008.
- FARAH, A. Restauro Arquitetônico: O cerne é a formação. **Oculum Ens.**, vol. 10, núm. 2, p. 267-278. jul./dez., 2013.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio: Mini Aurélio Eletrônico versão 5.12.** 7ª. ed. POSITIVO, 2004.
- FERREIRA, B. V. **A formação do arquiteto e urbanista brasileiro: uma análise do concurso opera prima.** 2014, 260 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014. [Orientadora: Elianda Figueiredo Arantes Tiballi]. Disponível em: <www.tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/710> Acesso em: 13 out. 2018.
- FORTE, M. T. F.; SANJAD, T. B. C. Intervenções arquitetônicas no centro histórico de Belém: a prática projetual contemporânea. **PARC Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 188-204, set. 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 46-48.
- FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.45-47.
- GATTERMANN, L. S. S. Patrimônio Arquitetônico: a importância da formação do profissional arquiteto. **Revista de Arquitetura da IMED**, v. 1, n. 1, p. 41-47, jan./jun. 2012.

KÜHL, B. M. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro.** Cotia: Ateliê, 2009. p. 8-12.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução Carlos S. Mendes Rosa. revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro. Revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p.131-138.

CHEREGATI, J. H. O quaterno contemporâneo como metodologia de projeção. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 41, n. especial, p. 51-66, dez. 2014.

LE GOFF, J. **História e memória.** Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 423-478.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 1-15.

MACIEL, C. A. Arquitetura, projeto e conceito. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 043.10, Vitruvius, dez. 2003. Disponível em: <www.vitruvius.com/arquitextos043_10> Arquitetura, projeto e conceito> Acesso em: 08 ago. 2018.

MAHFUZ, E. Teoria, História e crítica, e a prática de projeto. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 042.05, Vitruvius, nov. 2005. Disponível em: <www.vitruvius.com/arquitextos042_05> Teoria, História e crítica, e a prática de projeto> Acesso em: 09 ago. 2018.

MAHFUZ, E. Reflexões sobre a construção da forma pertinente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 04, n. 045.02, Vitruvius, fev. 2004. Disponível em: <www.vitruvius.com/arquitextos045_02> Reflexões sobre a construção da forma pertinente> Acesso em: 09 ago. 2018.

MAHFUZ, Edson. O ateliê de projeto como mini-escola. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 115.00, Vitruvius, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read-/arquitextos/10.115/1>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

MAHFUZ, Edson. Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 159.05, Vitruvius, ago. 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.159/4857>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

MASETTO, M. T. **Competência do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003a. p. 73-79.

MASETTO, M. T. O professor universitário: um profissional da educação na atividade docente. In: _____. (Org.) **Docência na Universidade.** Campinas, Papirus, 1998b. p. 9-25.

MOURA, A. A. P. Memória e Patrimônio na Cidade Contemporânea. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 41, n. especial, p. 93-106, dez. 2014.

NAHAS, P. V. Antigo e novo nas intervenções de caráter monumental: A experiência brasileira (1980-2010). **Revista CPC**, São Paulo, v.11, n.20, p.78–111, dez. 2015.

NESBITT, K. **Uma nova agenda para a arquitetura**: Antologia teórica (1965-1995). Organização: Kate Nesbitt. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2ª. ed. Ver., 2008. 664 p.

ORTEGOSA, S. M. Cidade e Memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 112.07, Vitruvius, set. 2009. Disponível em: <[www.vitruvius.com/arquitextos_112_07_Cidade_e_memória_do_urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar](http://www.vitruvius.com/arquitextos_112_07_Cidade_e_mem%C3%B3ria_do_urbanismo_%E2%80%9Carrasa-quarteir%C3%A3o%22_%C3%A0_quest%C3%A3o_do_lugar)> Acesso em: 20 ago. 2018.

RIOS, M. F. **Intervenção na preexistência**: o projeto de Paulo Mendes da Rocha para transformação do Educandário Santa Teresa em Museu de Arte Contemporânea. São Paulo, 2013. 95 p. Dissertação (Mestrado – Área de concentração: Projeto de Arquitetura) – FAU-USP [Orientadora: Helena Aparecida Ayoub Silva]. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-10072013-111505/>. Acesso em: 8 ago. 2018.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar– por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2010. p.26-27.

SALCEDO, R.F.B., GOMES, S.H.T., MASSERAN, P.R., AMARAL, C.S. **Teorias e métodos aplicados ao ensino do projeto de arquitetura**: curso de Arquitetura e Urbanismo da FAAC-Unesp. In: FIORIN, E, LANDIM, PC, and LEOTE, RS., orgs. *Arte-ciência: processos criativos* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 97-129. Desafios contemporâneos collection.

SANTOS, C. R. A noção de patrimônio e a origem das ideias e das práticas da preservação no Brasil. **Arquitextos**, São Paulo, v.149, n. 01, p.1-3, out. 2012.

SOUZA, T. C. **RETROFIT e a revitalização de centros urbanos Estudo de Caso**: Reabilitação do Ed. Tupis. 2011. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Engenharia Civil) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. [Orientador: Antonio Neves de Carvalho Junior]. Disponível em: <[www.researchgate.net/publication/315743060_RETROFIT_e_a_revitalizacao_de_c entros_urbanos_Estudo_de_Caso_Reabilitacao_do_Ed_Tupis](http://www.researchgate.net/publication/315743060_RETROFIT_e_a_revitalizacao_de_c_entros_urbanos_Estudo_de_Caso_Reabilitacao_do_Ed_Tupis)> Acesso em: 30 nov. 2018.

PIRONDI, C. O ensino da arquitetura ou a crise silenciosa. **Livreto** – Aula inaugural da pós-graduação, “Arquitetura, Educação e Sociedade” da Escola da Cidade, Escola da Cidade, São Paulo, (s.d.), 2016.

VALE, M. S. **Diretrizes para racionalização e atualização das edificações**: Segundo o conceito da qualidade e sobre a ótica do Retrofit. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. [Orientador: Prof.º Eduardo Linhares Qualharini, D. Sc.]. Disponível em: <www.livros01.livrosgratis.com.br/-cp019558.pdf> Acesso em: 2 dez. 2018.

VIDIGAL, E. J. **Ensino de projeto arquitetônico**: Um estudo sobre as práticas didáticas no curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 2010. [Orientadora: Profa. Dr. Marlene Yurgel]. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/161-38/tde-18012011-111136/pt-br.php>> Acesso em: 10 ago. 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Tabulação de dados dos artigos selecionados

*Os artigos anteriores a 2010 foram utilizados pela relevância e atualidade dos dados para complementar a pesquisa

Ano	Autor (a) (es)	Palavras-Chave
2006 *	VALE, Maurício Soares do.	Retrofit edificações; Atualização das Construções; Racionalização da Construção Civil; Qualidade na Construção Civil.
2008 *	FARAH, Ana Paula.	Restauração Arquitetônica; Formação do Arquiteto; Patrimônio Cultural.
2010	VIDIGAL, Emerson José.	Projeto; Arquitetura; Ensino; Metodologia.
2010	ANDRADE, Inês El-Jaick.	Entorno; Cartas Patrimoniais; Preservação.
2011	ARSENIC, Nikola; LONGO, Orlando Celso; BORGES, Marcos Martins	Arquitetura; Ensino de Projeto; Processo de Ensino e Aprendizagem.
2011	SOUZA, Thiago Coutinho de.	Revitalização; Reabilitação; Retrofit; Sustentabilidade; Edifício Tupis.
2012	GATTERMANN, Liliany Schramm da Silva.	Formação do Profissional Arquiteto; Educação Patrimonial; Patrimônio Edificado.
2013	FARAH, Ana Paula.	Ensino; Formação; Restauo Arquitetônico.
		Projeto de Arquitetura;

2013	RIOS, Maira Francisco.	Patrimônio Arquitetônico (Preservação); Reciclagem Urbana; Rocha, Paulo Archias Mendes da, 1928, Educandário Santa Tereza (RJ)
2014	CHEREGATI, Jesus Henrique.	Ensino. Metodologia. Arquitetura
2014	MOURA, Ana Amélia de Paula.	Memória; Patrimônio; Revitalização
2014	FERREIRA, Bráulio Vinícius.	Formação do Arquiteto e Urbanista; Ensino de Arquitetura e Urbanismo; Trabalho Final de Graduação.
2015	FORTE, Márcia Teixeira Filgueira; SANJAD, Thais Bastos Caminha.	Patrimônio Arquitetônico; Construir no Construído; Centro Histórico de Belém; Intervenção; Prática Projetual.
2015	NAHAS, Patrícia Vicenconti.	Patrimônio Arquitetônico; Preservação e Restauro; Patrimônio.
2015	SALCEDO, RosiÓ Fernandez Baca; GOMES, Samir Hernandes Tenório; MASSERAN, Paulo Roberto; AMARAL, Cláudio Silveira.	Ensino de Arquitetura e Urbanismo; Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo; Docente.
2016	ALCÂNTARA, Cláudia Sales; LIMA, Maria Socorro Lucena; SALES, José Albio Moreira.	Profissão Docente; Formação de Professores; Arquitetura e Urbanismo

Fonte: Pesquisadora, 2019.